

A EXPERIÊNCIA ESCOLAR NAS NARRATIVAS DE IDENTIDADE ÉTNICO-RACIAL: ESTUDO RETROSPECTIVO DE UMA PROFESSORA NEGRA DO MUNICÍPIO DE JUIZ DE FORA, MG

Andressa Lima Talma¹

Resumo

Este artigo se baseia em minha dissertação de mestrado, na qual o objetivo foi compreender a trajetória de vida de uma professora negra que tem o trabalho reconhecido da rede municipal de educação de Juiz de Fora por valorizar o ensino étnico-racial. Utilizei-me da pesquisa narrativa para acompanhar a prática pedagógica da professora e sua trajetória. A pesquisa se apoiou na Antropologia do Imaginário, que busca o equilíbrio entre razão e emoção. Nesse sentido, o imaginário busca a compreensão de um segundo sentido das imagens. No decorrer da pesquisa, pude perceber nas narrativas iniciais da professora a valorização do elemento-ponte, que na perspectiva do imaginário faz a ligação dos contrários e é dessa forma que a professora realiza o seu trabalho. Faz uma ponte para que a cultura negra chegue até sua sala de aula. Ela embasa o seu trabalho em histórias de seus antepassados e no saber materno recebido. No entanto, algumas falhas em relação ao seu planejamento nos apontam a falta da formação acadêmica inicial e continuada para um aprimoramento do seu trabalho.

¹ Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, especialista em História e Cultura Afro-brasileira e Africana: Educação para as Relações Étnico-raciais, pela Universidade Federal de Juiz de Fora, graduada em Pedagogia pela Faculdade Metodista Granbery. Coordenadora pedagógica da rede municipal de Juiz de Fora.

Palavras-chave: Ensino étnico-racial. Professora negra. Formação docente.

EXPERIENCE SCHOOL IN NARRATIVE OF ETHNIC-RACIAL IDENTITY: A RETROSPECTIVE STUDY OF A BLACK PROFESSOR AT THE JUIZ DE FORA CITY, MG.

Abstract

This article is based on my dissertation, in which the aim was to understand the life story of a black teacher who has recognized the work of the municipal of Juiz de Fora education for valuing the ethnic-racial education. I used me from the narrative research to follow the teaching practice of the teacher and his career. The research was supported in Imaginarium of anthropology that seeks a balance between reason and emotion. In this sense, the imagination seeks to understand a second sense of the images. During the research, I could see in the early narratives of teacher appreciation bridge element, which in the imaginary perspective makes the connection of opposites and that is how the teacher performs his work. It is a bridge to the black culture reaches your classroom. It underlies their work histories of their ancestors and know mother received. However, some failures in relation to its planning, point to the lack of initial and continuing academic training for improvement of their work

Keywords: Ethnic-racial education. Black teacher. Teacher training.

A EXPERIÊNCIA ESCOLAR NAS NARRATIVAS DE IDENTIDADE ÉTNICO-RACIAL: ESTUDO RETROSPECTIVO DE UMA PROFESSORA NEGRA DO MUNICÍPIO DE JUIZ DE FORA, MG

A Experiência Escolar nas Narrativas de Identidade Étnico-Racial: Estudo Retrospectivo de uma Professora Negra do Município de Juiz de Fora, MG

INTRODUÇÃO

Este artigo se baseia na proposta de compreender as experiências profissionais de uma professora que tem o trabalho reconhecido na rede municipal de educação de Juiz de Fora, por valorizar o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Nosso objetivo será compreender a trajetória de vida pessoal e escolar dessa professora e os fatores que a levaram a ter uma prática diferente de grande parte dos educadores do cenário educativo brasileiro, negros e não negros, que não se preocupam em propor ações que desnaturalizem práticas racistas e valorizem as identidades étnico-raciais de seus estudantes por meio de diversas atividades no cotidiano educacional.

Muitos educadores se mantêm arraigados aos ensinamentos de um currículo eurocêntrico, em que prevalece a valorização da cultura europeia como padrão social. Este cenário é baseado em um paradigma clássico racionalista que valoriza a heterogeneidade, exclui e inviabiliza a valorização e o ensino-aprendizagem de outras culturas diferentes da cultura europeia, que continua a ser valorizada. É necessário haver o rompimento com essa concepção colonizada de ensino e cultura por grande parte dos educadores.

O desconhecimento cultural e a invisibilidade de outras culturas, como a africana e a indígena, que também fazem parte da constituição do povo brasileiro, acontecem devido aos anos de colonização do Brasil, um dos últimos países a promover a abolição. Houve a independência do país, porém o currículo

escolar e as relações sociais permaneceram colonizadas, ou seja, vinculadas ao padrão europeu. Isso tem comprometido o cumprimento de uma lei nacional, a Lei nº 10.639/2003², que ainda conta com alguns entraves para sua implementação.

Acompanhamos a prática pedagógica de uma das poucas professoras indicadas por trabalhar a temática étnico-racial de forma sistematizada na rede municipal. Ela é negra e trabalha em uma escola da região norte da cidade. Por meio do acompanhamento de algumas aulas e entrevistas semiestruturadas, procuramos analisar o motivo pelo qual esta professora se diferencia do restante do grupo docente de seu meio escolar com a utilização de metodologias e práticas de ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana no Ensino Fundamental.

Houve dificuldade em localizar profissionais que se destacam no trabalho com a temática étnico-racial, pois não há uma sistematização desse trabalho da rede municipal juiz-forana e isso vem acontecendo em algumas escolas de forma precária e limitada. Dessa forma, as crianças negras não se identificam com a escola e tendem ao desinteresse e fracasso escolar.

Essa questão do fracasso escolar é antiga: podemos observar na historiografia da educação dos negros no Brasil como foi a escolarização no período da escravidão, em parte do século XIX. Segundo os estudos de Fonseca (2007), alguns autores escreveram que os negros não tinham direito a educação nesse período e, portanto, não frequentavam a escola. “As conexões entre educação e a escravidão são pouco consideradas pela historiografia brasileira” (FONSECA, 2013, p. 37).

Em contrapartida a esses estudos, após anos de invisibilidade e silenciamento, Fonseca (2013) contribuiu significativamente com o cenário acadêmico, por meio de

² Atualmente, a Lei nº 11.645/2008 vigora como modificação atual da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, porém, por questões políticas, utilizaremos a nº 10.639/2003, que trata a História e Cultura Africana e Afro-Brasileira.

seus estudos sobre a educação escolar do negro, diferentes das anteriores pesquisas generalistas que não tiveram o interesse em estudar a valorização da história do negro e partem de uma perspectiva colonial, contemplando a cultura do colonizador.

Destacamos o desenvolvimento de estudos que identificam, na escola, a presença, em grande quantidade, de pessoas negras no distrito de Cachoeira do Campo, que pertencia à cidade de Ouro Preto, em Minas Gerais. Ele baseia seus estudos em documentos oficiais do censo daquela época. Em outro trabalho, Fonseca (2011) também estuda os documentos publicados por Primitivo Moacyr e observa que, apesar de haver documentos sobre algumas províncias em que os negros libertos ainda eram impedidos de frequentar a escola, havia leis de outras províncias que permitiam que a frequentassem à noite ou até durante o dia. Portanto, houve a invisibilidade, o esquecimento de um dado tão importante na historiografia da educação dos negros.

Há duas formas de se falar sobre o negro: falá-lo de fora, com um distanciamento, como o antigo escravo, desprovido de direitos e reproduzindo um estereótipo e posteriormente marginalizado; uma segunda forma é mencioná-lo como agente, sujeito de sua cultura, de forma próxima e valorizando sua história e cultura, em um caminho de superar as desigualdades (BARROS, 2006).

Há estudos em que os autores tratam a educação do negro e a sua cultura na atualidade de forma valorativa. Esses autores possuem uma visão pós-colonial ou culturalista do negro e o tratam como sujeito histórico, enquanto outros inviabilizam esse estudo excluindo o tema e não o contemplando, ou o fazem de forma pejorativa, em uma concepção de fora, trazendo-o como objeto, em uma perspectiva ainda colonizada e desvalorizando-o em vários aspectos. Buscaremos essa perspectiva de valorização cultural.

Para análise, utilizaremos a Antropologia do Imaginário, de Gilbert Durand (1997), referência teórica desta pesquisa. Apesar de Durand não falar especificamente sobre a parte

educacional, contribui para o campo da educação a partir de suas reflexões sobre os símbolos e sua importância em nossa sociedade (ARAÚJO; TEIXEIRA, 2011). Durand define o ser humano como um animal simbólico e, por essa ser uma dimensão fundamental, o faz diferente dos outros animais, buscando unir natureza e cultura.

A Pesquisa Narrativa foi o método de investigação adotado, pois atende à perspectiva antropológica para este trabalho. Por intermédio da Pesquisa Narrativa, foi possível compreendermos um pouco da história de vida, da formação profissional e da metodologia de ensino que busca contemplar a educação étnico-racial e trabalhar a História e Cultura Africana e Afro-Brasileira na prática cotidiana de ensino da professora estudada.

Buscamos algumas imagens que emergem das narrativas da professora, não somente o que está patente, porém o que está latente, em uma dimensão simbólica também nos interessa: o instituído e o instituinte. É necessário analisar a totalidade do discurso para compreender o que levou a professora a se destacar no trabalho com a temática.

Em alguns trechos das entrevistas pré-estruturadas e notas de campo que foram analisadas, notamos uma forte influência da família, que repassa pelas gerações as histórias de resistências de seus antepassados escravizados que vieram da África. A família teve influência fundamental, principalmente a mãe, no seu empoderamento e no apoio à escolha da professora pelo magistério.

Ainda podemos perceber, no entanto, pela pesquisa que ela não estudou nenhum conteúdo referente à valorização da cultura negra enquanto estudante no Ensino Fundamental e nem em suas formações inicial e continuada. Sua pós-graduação foi em Psicopedagogia. Além das histórias familiares repassadas a ela e que muito a influenciaram, a professora afirma que o envolvimento com o movimento negro de Juiz de Fora, a militância e suas pesquisas autônomas sobre a temática são a base de sua prática pedagógica de ensino.

No decorrer de nossa pesquisa, observamos que há momentos de conflitos e generalizações por conta dos referenciais informais utilizados pela professora para conseguir informações sobre a África. Porém é importante destacarmos essa iniciativa que ela tem em trabalhar os conteúdos étnico-raciais e a consciência que a professora necessita: uma formação continuada para ensinar melhor os conteúdos que propõe.

EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

A partir de algumas pesquisas, percebemos que tem havido pequenos avanços em relação à educação emancipatória para as relações étnico-raciais em nosso país, pois anos atrás, no período da escravidão e pós-escravidão, não havia nenhum tipo de educação formal e acadêmica voltada para o respeito e convívio entre os diferentes povos e etnias no espaço escolar.

Dizia-se que não havia preconceito no Brasil, pois não havia a segregação racial como em outros países, porém os negros eram ignorados. A história e a cultura dos africanos escravizados e de seus descendentes foram completamente desprezadas, pois não se reconheciam a importância e a contribuição para a formação do povo brasileiro. Atualmente tem se buscado alternativas para estabelecer as relações dos negros em nossa sociedade, marcada por preconceitos e racismo.

Essas questões levam ainda hoje ao sofrimento pessoas negras, que continuam a ser tratadas de forma desigual em nossa sociedade. Muitas vezes são mal-tratadas sem motivo, simplesmente por sua cor de pele, em virtude dos reflexos dos mais de 300 anos de escravidão que seus antepassados foram submetidos, por uma sociedade que se mantém presa a valorizar tudo o que vem do ocidente, dos nossos antigos colonizadores, desde o padrão estético ao espiritual (religiosidade). Permanece a desvalorização, a ignorância das demais culturas, principalmente a cultura africana, que no período da escravidão nos proporcionou grande influência

cultural, com populações dizimadas em alguns países e trazidas para o Brasil.

Tem havido crescimento em relação às pesquisas sobre o negro na educação. É importante destacar a grande influência do movimento negro por meio de sua participação e contribuição nas lutas e conquistas pelos direitos da população negra. Atualmente é de fundamental importância o papel do movimento negro nas propostas de reivindicações e implantações de direitos junto ao plano político, pela criação e manutenção de políticas públicas em diversas áreas. Com documentos e materiais desenvolvidos pelo governo, percebe-se um potencial diálogo entre ambos: o movimento negro e os Direitos Humanos.

Não podemos deixar de destacar o papel do movimento negro após a abolição, auxiliando a integração do negro na sociedade, em que era grande o preconceito de cor. Nesse momento, surgem muitos jornais impressos que se tornam um importante instrumento de resistência e expressão do movimento negro, por intermédio de uma imprensa negra que denunciavam a segregação e a injustiça que os negros sofriam. O movimento negro foi muito importante naquela época e continua sendo, tendo um papel de destaque na vida da professora que estudamos nesse artigo.

É preciso criar estratégias para o cumprimento das diretrizes nacionais da Lei nº 10.639/03. Nesse sentido, não podemos deixar de falar da formação do professor: peça fundamental na formação do aluno desde a educação infantil à universitária, ele tem o poder de ensinar conteúdos docentes e profissionais de acordo com a sua formação, com o que acredita ser importante, que influencia.

É necessário desconstruir um imaginário social que permeia como o negro sendo uma pessoa feia, suja, ladra, perigosa, assustadora. Essas imagens negativas sobre ele são criadas nas pessoas por diversos mecanismos simbólicos e há vários meios que transmitem a elas, assim como transmitem a imagem positiva do homem branco. Como podemos ver em

Souza (2015), a presença do etnocentrismo é grande em nossas escolas e esse fato se deve ao modelo de representação sobre os padrões de beleza que são apresentados às nossas crianças e jovens nas imagens dos livros paradidáticos, desenhos e mídia de forma geral.

AS DIVERSIDADES CULTURAIS NA PERSPECTIVA DO IMAGINÁRIO

A Antropologia do Imaginário é o campo teórico que embasa o nosso olhar. Desenvolvido por Gilbert Durand, “é o conjunto das imagens e relações de imagens que constitui o capital pensado do *homo sapiens*” (DURAND, 1997, p. 18). É uma encruzilhada antropológica que esclarece uma ciência humana pelos aspectos de outra.

Durand (1997, p. 47-51) faz uma convergência entre os três reflexos dominantes, estudados pela escola de Leningrado, e faz correspondência, por meio da simbologia, com os padrões culturais e com as características comuns presentes nas diversas culturas.

O primeiro regime de imagens é denominado de “diurno” (DURAND, 1997, p. 65-190), por valorização da luz em oposição às trevas; o segundo é o regime conhecido como “noturno” (DURAND, 1997, p. 191-370), pois não se encontram gestos de oposição.

No regime diurno há uma estrutura, denominada esquizomorfa ou heroica, ou seja, protocolo normativo, regido pela lógica da exclusão e da contradição, pelo princípio do corte, da distinção, da separação. As características dessa estrutura são a idealização e a antítese. E são várias as narrativas míticas de divindades heroicas, como Apolo, na mitologia grega, Ogum, Iansã e Xangô, nos mitos dos orixás, representantes desse arquétipo guerreiro.

No regime noturno há duas estruturas: uma é denominada de antifrásica ou mística, regida pela lógica da analogia e de similitude, cujo gesto é o da valorização da

descida. Esta estrutura é regida pelo princípio da participação, da imbricação, do estar junto, característica da imbricação, do realismo sensorial e da compreensão. Como exemplo, temos as narrativas míticas de Dioniso, na mitologia grega, Oxum e Iemanjá na cultura nagô, representantes desse arquétipo do acolhimento, do refúgio, do festejar, do comer e do beber.

A outra estrutura do regime noturno é a dramática ou sintética. A lógica é a causalidade e correspondência. Os gestos são os das transformações cíclicas, da união dos contrários. As narrativas míticas de Hermes, no mito grego, Exu e Iroko na mitologia afro-brasileira de origem yorubá representam esse arquétipo da conflitorialidade, da união dos opostos, da dialética sistematizada na historização.

Dessa forma, o Imaginário que existe há bastante tempo, mas não com essa nomenclatura, se mostra importante para contribuir com os nossos estudos. Segundo Estrada (2004), passamos por uma crise do paradigma clássico, que compreende várias correntes reducionistas e há emergência de outros paradigmas com visões mais integradoras, contemplando a diversidade cultural presente em nosso mundo. Dessa forma, o “paradigma holonômico” vem se destacando.

Dentro dessa concepção, os estudantes que não se enquadram nesse ensino homogêneo, linear fracassam, são reprovados e dessa forma o sistema também fracassa. Na escola atual podemos ver essa reprodução de um padrão de comportamento, pois pouco se modificou na escola com o passar dos anos.

Portanto, para analisar o trabalho de Ensino da História e Cultura Africana e Afro-brasileira que são desvalorizadas e não ensinadas pela maioria dos professores, utilizaremos o imaginário, na perspectiva de Durand (1997), para compreensão do trabalho de uma professora que se diferencia de grande parte dos educadores, ensinando conteúdos que ela considera importantes, observando a complexidade do grupo de professores da escola em que está inserida.

A Antropologia do Imaginário procura compreender a pessoa humana em toda sua complexidade, considerando que nós nos constituímos humanos no caminho de nossa existência. Considerando que o ser humano é um animal simbólico, os símbolos são constituídos por dois planos em relação ao seu significado: um sentido manifesto, patente e superficial e um segundo sentido, latente, oculto. Portanto, nenhum símbolo tem apenas uma dimensão. E toda narrativa na perspectiva do imaginário é simbólica, pois é carregada de representações míticas. Logo, todos os elementos se tornam bivalentes ou polissêmicos (DURAND, 1997).

É nessa perspectiva do imaginário que se procura compreender os aspectos internos que influenciam a constituição da pessoa, ou seja, suas características biológicas (ex: macho ou fêmea) e psíquicas (ex: introvertido ou extrovertido; racional ou afetivo), denominado como “pulsões subjetivas”, assim como os aspectos externos que também marcam a constituição da pessoa, ou seja, a sociedade em que ele vive (ex: classe social ou econômica) e o meio natural, cósmico (ex: zona rural, sertão ou zona urbana, litoral), denominado como “determinações objetivas”. O imaginário pode nos auxiliar a compreender a trajetória de vida pessoal e escolar do sujeito dessa pesquisa.

O IMAGINÁRIO DE UMA PROFESSORA NEGRA

A presente pesquisa procura se inserir no campo em que é crescente o debate acerca das políticas identitárias, especialmente às que são voltadas para a população negra. O nosso olhar está voltado especificamente para a mudança implementada na educação, por meio da implementação de políticas de promoção da igualdade racial e de políticas afirmativas, especialmente com a introdução da obrigatoriedade do ensino de cultura e história africana e afro-brasileira na educação básica.

E para desenvolver nossa reflexão sobre a construção da identidade negra, fizemos a escolha de identificar uma professora que desenvolve um trabalho sobre a educação das relações étnico-raciais, por intermédio da luta por reconhecimento e das políticas identitárias, e compreender, em sua trajetória de vida pessoal e escolar, os fatores que contribuíram para que ela se comprometesse com esse trabalho, diante de uma invisibilidade ainda sobre o tema no cotidiano das escolas.

A professora nasceu na região sul do país e se formou durante o período do regime militar. Seu pai trabalhava na Empresa Cotege, na área de construção civil, na época da ditadura. A professora fala com muito orgulho da profissão do pai, quem, segundo ela, exercia um trabalho muito importante para o Brasil: “*Não construía casas, construía pontes*”. (Ayodele³ – trecho da entrevista concedida em 11 de novembro de 2014).

Na perspectiva do Imaginário, a ponte é um símbolo de união de duas margens que estão separadas. A união dos contrários ou a harmonização das contradições remete à estrutura dramática ou sintética.

Ela foi alfabetizada em acampamentos que moravam os familiares dos profissionais das obras na região sul, pois segundo ela havia cidades que a equipe não permanecia por mais de seis meses. A esposa de um dos trabalhadores alfabetizava as crianças do acampamento, pois se mudavam constantemente.

As imagens da casa e da ponte, apontada pela professora, nos remete ao regime noturno das estruturas antropológicas. Enquanto a casa está na estrutura mística ou antifrásica (DURAND, 1997, p. 199-280) sendo símbolo da intimidade, pois é lugar de refúgio e repouso, a ponte já é da estrutura sintética, dramática ou disseminatória (DURAND, 1997, p. 281-374), símbolo da união dos opostos, uma unificação tensorial, que mantém os opostos unidos sem conflito.

³ É um nome fictício dado à professora. É uma a palavra de origem Yorubá e significa: a alegria voltou a casa.

Ayodele é uma mulher negra, que se orgulha de contar histórias de seus antepassados que vieram da África. Diz que sua mãe sempre contava a história de seus familiares e antepassados que vieram da África, pois havia escutado de seus pais, avós e dessa forma as histórias eram repassadas de geração em geração, por meio da contação de histórias.

“Verifica-se que há ‘estilos’ de histórias que as pressões culturais vêm enxertar na seiva universal. [...] Dumezil mostrou de um modo convincente o que diferenciava o estilo romano do estilo hindu” (DURAND, 2012, p. 352). Qual é o estilo de histórias dessa professora? É o romano, é o hindu?

Segundo ela, essas histórias foram muito importantes para a sua formação como pessoa, contribuíram para fortalecê-la na luta por seus objetivos de vida e ter orgulho de suas origens e desta forma ensinar a história e cultura de seus antepassados e, conseqüentemente, de todos os brasileiros para seus alunos.

A professora nos relatou que nunca sofreu preconceito em sua escolarização no sul:

A professora era novinha, usava um rabo de cavalo e sentava em cima da mesa e a sala era muito aberta, e não tinha nada de africanidades, nada relacionado à África, não havia nada da minha raça, nenhuma coisa foi citada em especial com relação a me destacar. Mas eu não me sentia diferente em momento nenhum (Ayodele – trecho da entrevista concedida em 11 de novembro de 2014).

Os elementos de conflito aparecem, mas de forma latente ou censurados, pois apesar de perceber a ausência da cultura africana na educação que recebera, diz que não se sentia diferente. Porém há um sério problema nessa escola, situada no estado do Rio Grande do Sul, que recebeu na época da escravidão muitos negros que foram escravizados: a escola possui muitos habitantes descendentes de escravizados, portanto se configura uma falha muito grande a falta de

elementos culturais referentes à cultura africana e afro-brasileira.

A professora Ayodele relata que em sua vida escolar nunca estudou nada referente ao conteúdo de História e Cultura Africana e Afro-brasileira. Ela define como africanidades os conteúdos que se referem à África. Diz ainda que não viu nada referente à sua “raça”, que é o termo que ela utiliza para definir as pessoas negras. Ela afirma que, no sul, era a única pessoa negra na escola e que sua professora era alemã, mas em nenhum momento se sentia diferente, nunca foi discriminada.

Apesar de evidenciar a existência de dois polos culturais, há a manifestação de uma coesão, de uma sincronização entre esses dois lados, com a invisibilidade de um deles. A calma, o bem-estar e o conforto manifestado pela professora negra como estudante em uma escola alemã pode representar a não percepção da negação e da invisibilidade de sua cultura, o que representa, de forma latente, uma violência, pois nessa omissão há a destruição da cultura e de sua identidade negra.

Ela disse que estranhou muito a escola de Minas Gerais: a sala de aula era mais escura do que no sul, a forma de falar da professora e os colegas, inclusive os negros, havia muitos negros na sala de aula mineira. Ela estranhou, pois não se via sendo negra e acabou repetindo de série no primeiro ano que frequentou a escola em Minas Gerais:

De primeira aluna lá aqui eu tomei pau... a professora daqui dizia “as pessoas com a pele escura” (se referindo aos alunos negros, que haviam muitos), porque lá no sul, só eu tinha pele escura. Você acredita que estranhei isso? Eu tomei um choque com a cor da pele das pessoas, estranho né? Não é estranho? Eu tinha pele escura, mas eu não me enxergava como negra não, porque eu estranhava a cor da pele de outras pessoas. Isso não me causou nenhum bloqueio, só achava isso muito estranho (Ayodele – trecho da entrevista concedida em 11 de novembro de 2014).

Por quê? O que leva uma pessoa negra a estranhar outras pessoas negras? Uma criança negra estranhar os seus colegas de escola?

O racismo implementado no Brasil e a ideologia da democracia racial estão de tal forma introjetados que há uma negação da identidade negra, que é no fundo a negação de uma humanidade.

Para Carvalho (1994, p. 181),

o etnocentrismo consiste em privilegiar um universo de representações propondo-o como modelo e reduzindo à insignificância os demais universos e culturas “diferentes”. De fato, trata-se de uma violência que, historicamente, não só se concretizou por meio da violência física contida nas diversas formas de colonialismos, mas, sobretudo, disfarçadamente por meio daquilo que Pierre Bourdieu chama “violência simbólica”, que é o “colonialismo cognitivo” na antropologia de De Martino.

Neste caso, percebe-se que a aluna negra já tivera incorporado a cultura ocidental como superior a ponto de considerar estranha ou “diferente” à própria cultura negra.

Após nos relatar brevemente sua trajetória escolar, é necessário falar sobre o início de sua carreira profissional. A professora nasceu em 1967 e começou a lecionar com 18 anos de idade, ou seja, em 1985, quando se formara no curso normal. Sua infância e os anos que antecederam a sua formatura no nível de segundo grau (magistério) aconteceram no período da ditadura militar no Brasil.

Após mudanças políticas e econômicas que afetaram a economia, houve uma mudança no perfil do professorado brasileiro: permanece feminino, porém muda em relação à classe social das professoras atuantes e a sua formação passa de 4 para 8 anos de escolarização do profissional, ou sejam o perfil da classe se modifica. Antes, essa profissão atraía moças das classes altas e médias, agora passa a predominar mulheres

das classes mais adversas, inclusive as mais baixas da sociedade e que necessitavam trabalhar, semelhante aos trabalhadores operários.

Ayodele faz parte do novo grupo de professoras que estavam começando a surgir naquele cenário. De acordo com Oliveira (2013, p. 55):

A profissão docente passa por mudanças de identidade, de *status*, de identificação, provocada por forças sociais que se apresentam, tanto na diversidade sociocultural dos alunos quanto nas demandas sociais que cobram dela a formação de profissionais adequados para o terceiro milênio.

Portanto, para se conhecer o profissional que está sendo construído e se denomina professor das séries iniciais do Ensino Fundamental em nossa atualidade, além desses aspectos históricos é necessário conhecer o que está subjetivo, por trás de sua vida escolar, acadêmica, os motivos que o levaram a essa profissão, como os fatores familiares e socioeconômicos são fundamentais para sabermos quem é esse professor? Quais os saberes que fazem parte de sua vida e que relevância tem no ato de ensinar? Que saberes o professor julga importante ensinar para o aluno? É preciso fazer um estudo abrangendo esses aspectos não só profissionais, como também pessoais, sobre a vida do professor para fazermos uma análise sobre como se embasa sua prática de ensino.

Sua mãe a apoiava nos estudos e a ensinava sobre valorização de sua identidade. Para Ayodele, as afirmações de sua mãe não lhe saíram da cabeça e segundo ela foram fundamentais para a formação e valorização de sua identidade:

'Ser preto não é defeito, defeito é ser burro' (mãe de Ayodele). *E era para eu me preparar: 'Você não vai ser considerada a primeira, por você ser negra, mas a última você também não vai ser'. Ela me apoiava nos estudos... E não me ensinou nada que lembre serviço doméstico, para você*

não se acostumar e virar empregada doméstica...
(Ayodele – trecho da entrevista concedida em
11 de novembro de 2014).

Na perspectiva do imaginário, a valorização de uma profissão em detrimento de outra nos remete a uma imagem de ascensão. A sociedade em que se excluem alguns e incluem outros, no caso brasileiro, negros e índios foram excluídos e as profissões que são ligadas ao trabalho braçal são associadas à escravidão e a esses excluídos.

A mãe de Ayodele, por influência dessa estrutura heroica do Imaginário, compreende essa exclusão, fruto de nossa cultura escravocrata, em que se valorizou os trabalhos de cunho mais intelectuais.

A contradição não está no exercício de atividades intelectuais ou braçais, mas na incorporação da valorização de um deles e na desvalorização do outro sem a compreensão de que a mesma pessoa pode exercer os dois trabalhos.

Segundo Oliveira (2013), esses novos educadores continuam a reforçar o fracasso escolar, pois o sistema de ensino continua o mesmo. A estrutura do curso de magistério mudou, porém os mecanismos de avaliação continuam iguais, seja para as crianças pertencentes à classe social sem nenhuma dificuldade econômica, seja para aquelas pertencentes às famílias com dificuldades financeiras.

A professora Ayodele veio de uma família pobre e busca, em sua prática de ensino, promover mudanças na vida das crianças pobres que educa, porém de uma forma diferenciada dos outros professores, por meio de uma prática pedagógica diferente, que ela traz de sua bagagem familiar, e não profissional.

Segundo Ayodele, as questões de valorização da identidade e autoestima são importantes para proporcionar a transformação e a mudança na vida das crianças. Ela aprendeu isso com a sua família, e tenta reproduzir nos seus filhos e alunos. São valores referentes aos seus antepassados africanos

e conhecimentos sobre a história e cultura africana e afro-brasileira que sobreviveu ao tempo, por meio dos ensinamentos de sua avó e mãe – e também de seus antepassados africanos que foram escravizados no Brasil, uma cultura rica na preservação de valores, respeito aos mais velhos, valorização da oralidade e da diversidade e circularidade, baseada em emoções e sentimentos, na compreensão do ser humano como um todo, diferente dos ensinamentos ocidentais, baseados no racionalismo que recebemos.

Dessa forma, a professora busca se aproximar desse tipo de educação e abaixo ela relata algo em comum nas crianças negras de sua escola: chegam com a autoestima baixa:

A autoestima tem que ser estimulada. A maioria tem uma autoestima baixa (Ayodele – trecho da entrevista concedida em 25 de agosto de 2015).

Sabemos que é um problema complexo. O que está gerando essa baixa autoestima é fruto da invisibilidade cultural dessas crianças, de sua cor de pele, seu cabelo. Fruto da falta de humanidade anteriormente mencionada e que gera racismo, preconceito e outras questões bem sérias e que se iniciam no espaço escolar.

Portanto, torna-se coerente a discussão sobre os conteúdos objetivos e subjetivos repassados aos alunos, pelo professor, referentes às questões de teoria e prática de ensino. O professor ensina não somente o conteúdo objetivo apreendido nos cursos de formação, como também os conteúdos subjetivos que a ele foram repassados e que acredita ser importante repassar para a formação pessoal e profissional de seus alunos, de acordo com o contexto que está inserido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante as nossas observações e entrevistas com a professora Ayodele, percebemos que ela busca uma identidade mais humana em seus alunos, valorizando o respeito e a

educação para as relações étnico-raciais no contexto escolar. Muitos dos problemas encontrados em sua prática pedagógica que compreende improvisações, generalizações e senso comum em relação ao continente africano decorrem da questão de a professora não ter tido uma formação continuada adequada na área que se identifica e se propõe a trabalhar.

Falta um maior embasamento teórico e científico que a leva aos problemas citados acima em sua prática profissional. Após ter feito o curso magistério a nível técnico, se formou em pedagogia e posteriormente se especializou em psicopedagogia. Ela afirma nunca ter feito curso na área da educação para as relações étnico-raciais, mas tudo o que sabe e ensina é fruto de ensinamentos repassados no seio familiar, em seus estudos independentes e junto ao movimento negro. Ela mesma nos afirmou que reconhece sentir a necessidade de estudar mais sobre o tema:

Eu gostaria muito de me aprofundar nisso, é por isso que tenho muita vontade de fazer um mestrado nesse assunto, muita vontade para poder me aprofundar e passar para os professores que estão formando, pois eu não aprendi isso na escola e essa foi uma falha muito grande (Ayodele – trecho da entrevista concedida em 25 de agosto de 2015).

A professora tem consciência de que necessita da formação continuada em educação para as relações étnico-raciais. Há uma grande dificuldade existente no diálogo entre a universidade e a escola. Falta a visão dos pesquisadores em relação à escola, tendo os professores como sujeitos do conhecimento e produzindo pesquisas que irão contribuir com esses profissionais, em uma linguagem para os professores que trabalham com a prática docente, e não somente para o ambiente acadêmico, de difícil acesso.

Há outra questão a respeito de teoria e prática que não podemos desconsiderar: quando falamos sobre saberes profissionais, não significa que estamos falando de saberes apreendidos no ambiente acadêmico, pois na prática profissional

os educadores se apoiam em conhecimentos especializados e formalizados por meio das disciplinas referentes à ciência da educação, aos conteúdos das disciplinas que ministram e que obtiveram conhecimento em seu processo de formação científico, porém nem sempre esses conhecimentos são exclusivamente adquiridos na universidade.

Há também um limite para o saber de cada professor, assim como qualquer outro profissional e, nesse contexto, ele é um profissional que, quando não sabe de algo, necessita pesquisar, se informar, para repassar a informação para o seu aluno que tem a dúvida e que anseia pela aprendizagem.

Ayodele faz boa utilização dessa autonomia, no sentido de ter a iniciativa de contemplar saberes necessários aos alunos, porém ainda falta agregar à sua prática pedagógica, diante dessa complexidade de elementos que necessita ter o professor, a importância da formação continuada e da constante participação em cursos de reciclagem. Isso porque o mundo é dinâmico e as informações são infinitas, ao mesmo tempo em que precisamos analisar a fonte e comprovar a sua veracidade pelas pesquisas, que também são profundamente necessárias.

Este trabalho visou refletir sobre a prática pedagógica de uma professora, a qual vem se destacando por ensinar a cultura negra e proporcionar a formação identitária das crianças no espaço escolar, a valorização da diversidade e abordagens culturais diferentes da etnocêntrica. Observamos que ainda há poucos professores trabalhando nesse sentido.

Acompahamos a sua prática e, com as entrevistas semiestruturadas que compõem nossa pesquisa narrativa, buscamos compreender o motivo pelo qual essa professora se destaca em meio a um cenário escolar que prevalecem a ausência e a invisibilidade da cultura negra.

Apesar desse grande interesse da professora, que deve ser considerado, identificamos alguns problemas em relação à sistematização e alguns planejamentos do conteúdo repassado. Generalizações e erros na prática pedagógica nos evidenciam

a falta de uma formação inicial e continuada, acadêmica, em relação à temática étnico-racial, que é de fundamental importância para o aprimoramento de um bom trabalho.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, M. Formação de professores: a constituição de um campo de estudos. **Educação**, Porto Alegre, v. 33, n. 3, p. 174-181, set./dez. 2010. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/viewFile/8075/5719>>. Acesso em: 10 nov. 2015.

ARAÚJO, A. F.; SANCHEZ TEIXEIRA, M. C. **Gilbert Durand**: imaginário e educação. Niterói: Intertexto, 2011.

BRASIL. Plano Nacional de Educação. **Lei nº 10.172, de 9 de janeiro de 2001**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13005.htm>. Acesso em: 9 nov. 2015.

BITTAR, M. A ditadura militar e a proletarização dos professores. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 27, n. 97, p. 1159-1179, set./dez. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v27n97/a05v2797.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2015.

BRASIL. **Constituição (1824)**. Constituição Política do Império do Brasil. Rio de Janeiro, 1824. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constitui%C3%A7ao24.htm>. Acesso em: 17 jul. 2014.

CARVALHO, J. C. de P. Etnocentrismo: inconsciente, imaginário e preconceito no universo das organizações educativas. In: **Interfaces: comunicação, saúde, educação**, v. 1, n. 1. Botucatu: UNESP, p. 181-185, jan.-mar. 1994. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/icse/v1n1/14.pdf>>. Acesso em: 22 dez. 2015.

CERTEAU, M. de; GIARD, L.; MAYOL, P. **A invenção do cotidiano 2**: morar, cozinhar. Petrópolis: Vozes, 2009.

_____. A pesquisa educacional entre conhecimentos, políticas e práticas: especificidades e desafios de uma área de saber. **Revista Brasileira de Educação**, v. 11, n. 31, jan.-abr. 2006.

CHAVES, I. M'A. **Vestida de azul e branco como manda a tradição**: cultura e ritualização na escola. Niterói: Intertexto; Rio de Janeiro; Quarter, 2000.

_____. Narrativas infantis: imagens e simbolismos. *Rev. Educ. Públ.*, Cuiabá, v. 21, n. 47, p. 467-485, 2012.

DIAS, L. R. Educação infantil e a diversidade étnico-racial: experiências de formação e seus desafios. **Revista Olhares**, v. 2, p. 179-202, 2014. Disponível em: <<http://www.olhares.unifesp.br/index.php/olhares/article/view/242>>. Acesso em: 22 dez. 2015.

DURAND, G. **As estruturas antropológicas do imaginário**: introdução à arquetipologia geral. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

FONSECA, M. V. A arte de construir o invisível: o negro na historiografia educacional brasileira. In: **Revista brasileira de história da educação**, n. 13, São Paulo, Sociedade Brasileira História da Educação, 2007. Disponível em: <www.sbhe.org.br>.

_____. A educação da criança escrava nos quadros de escravidão do escritor Joaquim Manoel de Macedo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, 2011. Disponível em <http://www.ufrgs.br/edu_realidade>. Acesso em 17jul.2014

_____. Escolarização e classificação racial em Minas Gerais no século XIX. In: OLIVEIRA, J. M. (org.). **Interfaces das Africanidades em educação em Minas Gerais**: caminhos da pesquisa educacional. Juiz de Fora: UFJF, 2013. p. 17-40.

GATTI, B. A. Formação de professores no Brasil: características e problemas. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 31, n. 113, p. 1355-1379, out.-dez. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v31n113/16.pdf>>. Acesso em: 16 dez. 2015.

_____. A formação dos docentes: o confronto necessário professor x academia. **Caderno de Pesquisa** (Fundação Carlos Chagas), São Paulo, n. 81, p. 85-90, maio 1992. Disponível em: <<http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/993/1002>>. Acesso em: 02 set. 2015.

_____. A formação inicial dos professores para a educação básica: as licenciaturas. **Revista USP**, São Paulo, n. 100, p. 33-46, dez./

jan./fev. 2013-2014. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/76164>>. Acesso em: 06 out. 2015.

GINZBURG, C. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição. São Paulo: Companhia de Bolso, 2006. 7ª reimpressão.

GOMES, N. L. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 167-182, jan.-jun. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v29n1/a12v29n1.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2015.

GUERRA, F.-X. El soberano y su reino. Reflexiones sobre la genesis del ciudadano en America Latina. In: SABATO, H. (coord.). **Ciudadania política y formacion de las naciones**. Perspectivas historicas de America Latina. Mexico: Fundo de Cultura Economica, 1999.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios. **Síntese dos Indicadores de 2009**. Rio de Janeiro: IBGE; 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2009/pnad_sintese_2009.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2015.

MARTÍN-BARBERO, J. **Ofício de cartógrafo**: travessias latino-americanas da comunicação na cultura. Ipiranga: Loyola, 2004.

MIRANDA, S. **Sobre sujeito e(m) pesquisa**: notas sobre memória social, educação e processos investigativos. (impresso). 2013

MIRANDA, C. Afrocolombianidade e outras narrativas: a educação própria como agenda emergente. **Revista Brasileira de Educação**, v. 19, n. 59, 2014, p. 1053-1078. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v19n59/12.pdf>>. Acesso em: 22 dez. 2015.

_____. Currículos decoloniais e outras cartografias para a educação das relações étnico-raciais: desafios político-pedagógicos frente a Lei nº 10639/03. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores(as) Negros(as) – ABPN**, v. 5, 2013, p. 100-118. <<http://www.abpn.org.br/Revista/index.php/edicoes/issue/view/13/showToc>>. Acesso em: 22 dez. 2015.

OLIVEIRA, J. M. de. **Africanidades e educação**: ancestralidade, identidade e oralidade no pensamento de Kabengele Munanga. 298 f. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-graduação em Educação. São Paulo: USP, 2009.

_____. Perspectivas epistemológicas de matrizes africanas e educação. In: OLIVEIRA, J. M. de. (org.) **Interfaces das africanidades em educação nas Minas Gerais**. Juiz de Fora: UFJF, 2013.

TALMA, A.; PEREIRA, W.; OLIVEIRA, J. Ações didáticas propostas como multiplicadoras de conhecimentos em contextos escolares. In: Congresso Brasileiro dos Pesquisadores Negros (COPENE), 8, 2014, Belém. **Anais do VIII Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros**: ações afirmativas: cidadania e relações étnico-raciais. Belém: ABPN (Associação Brasileira de Pesquisadores Negros); UFPA (Universidade Federal do Pará), 2014. p. 167.

TOBIAS, J. A. **História da educação brasileira**. São Paulo: Juriscredi, 1972.

Submetido em:16/08/2016

Aprovado em: 10/09/2016